

Diário de Lisboa

Numero avulso: 30 CENTAVOS

Administrador e editor:

MANZONI DE SEQUEIRA

ADMINISTRAÇÃO—Rua de Rôsa, 57, 2.º

Endereço Telegráfico: DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANZO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, composição e impressão

RUA LUZ SORIANO, 48

TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

Endereço telegráfico: DIBOCA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

TODOS os nossos colegas se referiram, com palavras elogiosas, á edição mensal do *Diário de Lisboa*, louvando a iniciativa do nosso jornal.

O *Seculo* diz que "se trata, na verdade, duma publicação interessante, em que, mês a mês, ficarão registados todos os grandes acontecimentos e factos passados não só no país, mas no estrangeiro."

O *Diário de Notícias* chama-lhe "um interessante documentário da vida nacional e internacional, passando em revista, com caracter noticioso e ligeiramente critico, os acontecimentos do mês em Portugal e no estrangeiro, com todas as manifestações da actividade humana."

A *Voz* considera-a "excelente no ponto de vista literario, interessante pelos assuntos que arquiva, muito curiosa pelas numerosas illustrações, em suma, uma publicação valiosa."

A *Revolução* diz que "representa, de facto, uma tentativa arrojada de, por isso mesmo, é louvavel e deve despertar interesse no nosso publico tão pouco habituado a tentativas audaciosas da nossa imprensa."

O *Diário da Noite* escreve: "Louvavel esforço o de deixar concatenados numa publicação como a que temos presente, alguns dos acontecimentos e occurências cujo sentido moral ou material, mais impressionaram o publico, e de certo se perderiam no dia a dia dos periodicos, se não fóra aquella ideia de os arquivar."

Tambem o *Jornal do Comercio e das Colonias* e o *Diário de Coimbra* elogiam a nossa iniciativa.

A todos os nossos melhores agradecimentos.

ESCREVE-NOS um leitor que protesta energicamente contra o abuso dos "chaffeurs", principalmente particulares que rompem com os seus carros, sem respeitar a disposição que os manda parar quando os electricos estão a receber passageiros. Eis as suas palavras:

—Hoje, na Avenida Duque d'Avila, ia para tomar o carro, quando um automovel passou entre mim (mais três ou quatro senhoras) e o electrico, num espaço que não tinha mais de cinco metros. Fiz-lhe qualquer objecção—respondeu-me com um insulto, sem se deter. Eu sei que a policia não pode estar em toda a parte, por outro lado, sou sinceramente admirador da ordem, sou mas desejaria surrar a cara ao atrevido que mostra tão pouco respeito pelas vidas alheias."

Não é unica esta carta, visto que muitas outras temos recebido. Pedimos as providencias necessarias para que os peões não sejam as victimas directas dos corredores insofridos, se não desvairemos.

RECEBEMOS do "Gremio de Trás os Montes, uma carta muito amavel agradecendo a colaboração prestada pelo nosso jornal para a realisação da sua semana regionalista.

A NEBULOSE

Entre os politicos que, nos ultimos tempos, consagraram a sua atenção ao estudo dos problemas sociais, Cunha Leal occupa um dos primeiros lugares, senão o primeiro. Em vez de se inclinar, num gesto de renuncia, perante a crise moderna, resolveu profundá-la, determinando, com a sua clara visão, as suas causas e os seus efeitos, as suas origens e as suas consequências—mediatas e immediatas.

O seu ultimo livro sobre *A Technica e as Transformações sociais contemporaneas* não pode ser ignorado pelos que, qualquer que seja o credo ou sistema que defendem, desejam confirmar a sua attitude ou combater o seu adversario. Campo aberto—para homens que aspiram a debater livremente teses que só os scepticos e os desentendidos reputarão ociosas.

Cunha Leal, com o rigor da sua analise e o brilho do seu pensamento, capaz das sínteses luminosas em que se constancia o fruto da experiencia e da observação, dedica-se, sobretudo, ao difficil e melindroso exame da seguinte «contradição economica» — «como é que, dado o enorme progresso que se operou na technica da produção, os povos caíram no marasmo, o desemprego cresce assustadoramente e os mercados abarrotam de produtos que não tentam os consumidores?»

Se nos não enganamos, o seu livro busca uma resposta para esta interrogação: como é que a humanidade vai sair-se da confusa e enleada situação em que todos pedem justiça e raros se movem para a realizar?

Os meios e instrumentos de criar riquezas são perfectos, mas os processos de a difundir, tornando-a benefica como uma chuva em pleno estio, são antiquados e viciosos.

Segundo o padre Manuel Bernardes, quando a fome entra nos lares, os famintos não cabem em casa e fazem da sua miseria a voz dolente da Cidade. Os que têm só garganta gritam desapodradamente. Os teóricos produzem «aplicações» dos fenomenos que a turba, na sua triste ignorancia, atribui a influencias teumaturgicas. Os estadistas, ora virados para a direita, ora para a esquerda, propõem-se submeter as realidades enigmaticas a providencias mal inspiradas, senão atrabiliarias. A fim de escapar ao jugo unilateral das doutrinas e das construções *in libris*, Cunha Leal coloca-se *andessus de la mêlée*, abarcando no seu horizonte o que pela razão considera verdadeiro e pela consciencia justo. Nestas belas palavras se marca a sua posição:

— «Observando o panorama mundial, cuida muita gente que estamos assistindo á definitiva derrocada dos principios da economia classica. Enganam-se quantos pensam assim. Os principios não foram atingidos na sua essencia, mas, em compensação, variou fundamentalmente o quadro geral das operações economicas.

Factores que ontem eram secundarios passaram a principais e vice-versa, de modo que os mesmos principios provocam resultados com aspectos absolutamente distintos dos do passado. E é por isso tambem que, quando se recorre á farmacopeia dos nossos pais para se tentar curar o mal-estar presente, se sofre a desillusão de reconhecer a sua manifesta impotencia.

Em face' disto, surgem pontos de vista ainda ha anos insuspeitados. Multiplicam-se consequentemente as doutrinas sociais e politicas. Avivam-se odios, por isso que a maior parte dos homens continua enrincheirada em posição ideologica absurda por ser muito limitad o seu campo visual.

No entender de Cunha Leal, tanto o individuo como a sociedade não podem cingir-se a um modo de ser rigidamente material, quantitativo e mecanico, porque acima de ambos está o homem—ou seja a qualidade. O espirito e o corpo subordinam-se á intelligencia e á lei moral.

As necessidades têm o seu imperio, que é vastissimo, mas que acontece, se um poder superior as não regesse?

Na primeira parte do seu trabalho, Cunha Leal mostra fundado e documentado conhecimento da ciencia economica, na sua formação normativa—prever para orientar e dominar—recorrendo ás formulas mathematicas para se afastar do nebuloso e das proposições indemonstradas. Na segunda, em terreno mais humano e por isso mesmo mais controvertido, procede á apreciação das ideologias nas transformações sociais contemporaneas, evitando o tom dogmatico ou a suficiencia magistral. Numa ha mais selva, noutra mais espirito.

O capitulo consagrado á «tecnocracia» constitui por si só um alto exercicio de critica desempoeirada cuja leitura reomendamos especialmente aos que, sob a falaz apparencia das palavras, não descortinam a infinita variedade das experiencias e das correntes que elas encaminham.

ESTAMOS no periodo em que o individualismo triunfa—no cinema, no teatro, nas praias, nas salas, nos livros e revistas, nos olhares dos curiosos e na vaidade das plasticas exhibicionistas, etc. Trata-se duma aragem que, sem ser mortal, não deixa de perturbar a razão e os sentidos.

Sobretudo, começa a haver pernas a mais, neste mundo onde outrora o pudor as recatava ciosamente. Como sempre, a quantidade supera a qualidade.

Hollywood exporta mensalmente centenas e centenas que, através do ecran, dão volta á terra. As pernas de Clara Bow, Marlene Dietrich ou Jeannette Macdonald gozam de fama universal.

Dantes dizia-se que na cabeça estava a intelligencia do homem e a beleza da mulher. Tem-se descido muito: agora é para as pernas que se olha com maior admiração.

— Que lindas pernas! Que delicado tornozelo!

Um dia, que talvez não venha longe, a humanidade, fatigada e aborrecida de tanto olhar e de constatar que as pernas não saem as suas grandes esperanças, dirá desencantada:

— Minhas queridas filhas, mostrem-nos menos curvas e linhas *jugantes*, para se vêr-se o feminismo é melhor vestido que despido!

A TITULO de curiosidade, no confronto...

No mês de março a compra de cambiais, convertidas todas em esterlino, para pagamento de mercadorias no estrangeiro e ainda para satisfazer encargos de navegação e transporte, foi de 790.862 em Lisboa e 375.194 no Porto, ou seja aproximadamente 120.000 contos da nossa moeda. Discriminadamente, a compra de libras equivale a metade da compra de todas as cambiais (536.452) e seguindo-se dolares (equivalentes a 185.816 libras) francos fr. 161.500 libras).

Os encargos de juros, diviuidos, cupões e serviços combinados levaram 67 mil libras esterlinas; a remessa de bens, subsídios, e rendimentos a pessoas residentes no estrangeiro levaram-nos 27 mil libras. O carvão levou 80 mil libras, o açúcar 24 mil, o bacalhau 63 mil, os produtos quimicos, farmaceuticos e perfumarias 55 mil, o algodão (quasi todo para o Porto) 72 mil, gasolina, petroleo e oleos 60 mil, os automoveis e pertences 31 mil, o arroz 17 mil. Isto num mês (março).

OSABIO almirante Gago Coutinho realiza depois de amanhã, pelas 18 horas, no Gremio Literario, de que é socio, uma conferencia literaria e cientifica subordinada a este suggestivo titulo "Divagações sobre a America e historia das descobertas e descobridores."

ASSINADA por alguns illustres emigrados brasileiros, recebemos uma carta acerca da questão da moratoria, que amanhã publicaremos.

COMENTARIOS SIMPLES

PAGINA

de Quinta-Feira

por Norberto de Araujo

O sr. dr. Alberto Monsaraz publicou na «Revolução» um artigo intitulado «Arriaga, Ditador», no qual se fazia o elogio deste homem publico, honrado politico, indefectivel republicano, de um romantismo primitivo e de um idealismo tocado de beleza.

Não foram estas as palavras de que se serviu o jornalista nacionalista; nem foi por aquelas insofismáveis características, que nós apontamos, que se elevou, a recordação de leitões, a figura moral do dr. Manuel de Arriaga.

As considerações de natureza politica e a fotografia do ambiente da época — o que tudo o sr. dr. Alberto Monsaraz apresenta sob aquele aspecto demagogico, apaixonado, que caracteriza os escriptores do neo-nacionalismo — não as discutimos. Teria sido preferivel que no artigo, e ainda que sob um prismo incerto, allássemos bem intencionado, o autor apenas se referisse a Manuel de Arriaga, tal qual o vê e o sente.

Não sou um jornalista de combate — não está na possibilidade do meu destino — nem quebro lanças por uma politica de hv vinte anos, na qual houve muitos erros e tambem muita nobreza.

O que quero afirmar nesta singela local é que o dr. Manuel de Arriaga não tinha alma de ditador, e nem sequer foi um ditador. Podia tê-lo sido, momentaneamente, pela força das circunstâncias; nem isso. Foram as contingências politicas de momento, uma série de factos imprevistos para o seu fatigado espirito, que o envolveram, sob pressão de realidades tambem de momento, e que o atiraram para uma situação de facto, que admitiu sangrando-lhe o coração que repugnava à sua lealdade e à sua coerença, que correspondeu à taça da cegueira, que se viu compelido a levar aos labios.

Por fraqueza, como querem alguns? Por erro de tactica politica? Por uma precipitada visão do que de momento convinha à Republica?

Por tudo isto, ou por outro motivo qualquer.

Nunca por «ditadura», nunca por traição, nunca por espirito renegado.

Grande e honesto homem! Se erro foi o ter admitido a seu lado, após o movimento das espadas, o general Pimenta de Castro — bem o pagou!

Pagou-o de tal maneira que até a sua memoria de democrata convicto é agora deformado com o elogio de uma «vitória» que elle não possuía, não podia possuir, porque era muito nobre para ser incoerente.

O sr. dr. Alberto Monsaraz teve uma intenção honrada — escrevo-o sem disfarce nem adaptação —; quiz, ele que não é republicano, honrar um republicano, o que denota coragem, um pedacinho de tolerancia no ambiente politico e doutrinario e que o jornalista vive, e que não tem a tolerancia por seu melhor padrão.

Mas o seu conhecimento imperfeito da historia proxima passada, ou porque certas verdades não as vêem senão os que querem ver, ou ainda por supor que a exaltação da memoria sagrada de um morto da Republica arrastaria a simpatia de alguns vivos para a sua causa — o sr. dr. Alberto Monsaraz deformou o caracter politico do dr. Manuel de Arriaga.

É certo que quando foi da entrega do poder ao general Pimenta de Castro, muitos republicanos, quasi todos democraticos, atacaram Arriaga impiedosamente. O sr. dr. Alberto Monsaraz poderia servir-se, se fôsse desleal, das opiniões de republicanos categorizados, de então, para contraditar o desabafo deste republicano modesto que eu sou.

Mas era ainda a paixão que actuava. Era o não se querer reconhecer erros, o não se querer confessar a verdade, que levava muitos politicos graduados a vexarem por palavras a suposta incoerencia e o caracter imaculado do dr. Manuel de Arriaga.

A historia está feita, sr. dr. Alberto Monsaraz. O dr. Manuel de Arriaga deu a impressão de ter sido um ditador de momento — convimos todos — mas não o foi, nem pelo espirito, nem pela alma, e muito menos pela intelligencia.

Ninguém ignora que o venerando republicano se deixou vencer pelo peso das realidades, pela força de um imponderavel, e que não se renegou — transigiu de momento.

Exaltar um erro, o que só forcadamente aproveita a ideologia do articulista, como se esse erro tivesse tido o merito de ter sido *ou menos voluntario*, não está bem.

É como se exaltássemos o saber de um homem que foi compelido a empregar um remedio, que repugnava à sua cultura e à sua sabedoria, e não salvava o doente, e corria até o perigo de o matar.

Para o sr. dr. Alberto Monsaraz elevar a nobilissima figura do dr. Manuel de Arriaga, onde ha muita beleza moral e não apenas romantismo, encontra-se na vida deste homem desde a mocidade à velhice documentos de factos que chegam às estrelas.

Chamar-lhe ditador, nao.

A guerra continua a ser o espartalho dos povos.

Aqui dizemos em profecia facil:

não haverá já no nosso tempo guerra na Europa. Mesmo o que se passa no Japão, e que é guerra por que se combate, porque se morre, em boa verdade não é senão a invasão de um forte sobre um fraco em decomposição, e só possivel ali e nessas circunstancias.

Mas a guerra, o pavor da guerra, a ameaça da guerra, o bluff da guerra enche os discursos, os artigos, os telegramas.

Ha cerca de ano e meio supôs-se que Mussolini queria a guerra; Mussolini desmentiu, e palpaavelmente provou não querer a guerra.

Hitler, no periodo de exaltação, que vai a passar, pareceu desejar, provocar a guerra. Em rigor, lia-se isso mais nas interpretações do que na substancia dos seus discursos.

Hitler declara agora: não queremos a guerra. Os politicos velhos, os velhos generais, os diplomatas envelhecidos — os que não tinham que morrer — esses foram os que fizeram a guerra de 1914.

A Europa está um pouco mais «moça». Uma renovação parece animar os estadistas. A Sociedade das Nações não é tanto uma utopia inutil como se supôs. Já William Martin notou — e bem — que a Sociedade das Nações, constituindo-se em travão, já de certo modo exerce o seu papel benefico.

É a gente moça de idelas que não quer a guerra; são os povos que a não querem. São as armas que não querem disparar.

A ameaça da guerra — se a ha — é um bluff.

Guerra, sim, ha — a permanente sem armas nem homens em formações armadas, nas discórdias economicas e sociais, na luta aduaneira, no combate comercial, na solvencia das dividas, na furia de defesa do capitalismo, que teima em privar o mundo dos produtos que prefere queimar ou destruir, a colocar a batzo prego, provocando desta maneira uma ou mais ou menos proxima intensidade de mão de obra.

A semana

Esta guerra, sim, é que existe. A outra, quando as vituas ainda não deixaram o luto, e quando ainda são moços os combatentes da grande guerra — seria a negação da intelligencia do Homem.

* * *

Foi publicado agora um livro que não apenas nós, por o termos lido, mas toda a gente de nivel intelectual acima da media, classica de notavel. O ultimo trabalho do sr. Cunha Leal *A Technica e as transformações sociais contemporaneas*.

Não fazemos esta afirmação no intuito de sermos agradavel ao seu autor, pessoa que pela sua intelligencia e pela sua cultura dispensa bem a referencia de um jornalista, que, politicamente, e em épocas distantes, aproveitou este lugar para discordar de attitudes do antigo homem publico.

Nem escrevemos estas palavras por se tratar da obra de um republicano.

Escrevemos assim, porque é assim.

O livro do engenheiro sr. Cunha Leal é absolutamente notavel, dentro deste ciclozinho do nosso tempo.

Não se pode ser mais clara na exposição dos raciocinios; não é possivel deduzir com mais limpidez — merito literario a valorizar o trabalho do estudioso.

Não ha que concordar nem que discordar, porque não se trata de uma obra de combate. É uma obra de observação severa, apolítica, dos fenomenos contemporaneos, uma vista de olhos exacta, ainda que não magica, dos aspectos sociais e economicos, nos quais o mundo se desdobra.

A «Technica», e, directamente dela em progresso desordenada, a «transformação dos sistemas» — eis de certo modo o assunto do livro, cuja primeira parte é, manifestamente, para pessoas de preparação científica, mas cuja segunda parte se tornou acessivel a toda a gente, que quer «saber lero», o que não acontece a todos os que fizeram exame.

Não se trata da obra doutrinarria de um republicano a defender a sua ideologia; mas não podemos deixar de dizer que é o trabalho de um republicano, preparado e identificado, não com as intrigas da politica vil, mas com o mundo moderno em ebulição.

Se este livro do sr. Cunha Leal passasse despercebido, fraca liação se tiraria do estado de cultura e da curiosidade de espirito da gente do nosso tempo em Portugal.

NORBERTO DE ARAUJO

Publicações

«FAMA»

Esta revista semanal, propriedade da Sociedade de Publicidade Moderna, L.^{da}, com sede na rua da Emenda, 66, r/c., em vista de ir remodelar por completo os seus sistemas de administração e expansão, suspende por um mês a sua publicação, continuando, porém, com os seus escriptorios abertos das 10 da manhã às seis da tarde.

Vinhos VALENTE COSTA
Renato
Dellello vinho branco — Tel. 2549

FOGO DE VISTAS

a consagrada revista em cena no

AVENIDA

tambem se impõe pela sua rica montagem e pelo seu formoso guarda-roupa

Sabido já que o grande successo da revista do Avenida, *Fogo de Vistas*, se deve em grande parte ao desempenho que lhe dão todos os artistas destacando-se, dentre todos, Beatriz Costa, Corina Freire, Tereza Gomes, Erico Braga, Santos Carvalho (Ricardo) e as lindas acrílicas da companhia, vem a propósito referir, uma vez mais, que a sua montagem, rica e deslumbrante, presidia o mais aperfeiçoado e requintado bom gosto, aliado a um sentido exacto destes modernos espectaculos de Beleza e de Côr. Mas outro formidavel factor, dos maiores e mais flagrantes, resalta aos olhos deslumbrados do publico que assiste aos

espectaculos de *Fogo de Vistas* no Avenida: é o seu lindo e formoso guarda-roupa, representado por mais de 300 trajes, os quais, sem lalarmos nas *follettes* de Beatriz Costa e Corina Freire, que foram confeccionadas nos ateliers de Madame Joseite Martin, saíram dos importantes ateliers A. Paiva, soberbos de elegancia, de combinação de côres e de raro espirito artistico, muitos deles, copias fidelissimas dos figurinos realizados pelos distinctissimos artistas do genero: D. Maria Adelaide de Lima Cruz, José Barbosa, Bliho, e Pinto de Campos, que em *Fogo de Vistas* tão talentosamente trabalharam.

Xarope Peitoral James

Contra as mais rebeldes tosses

Medalha d'ouro na Grande Exposição Industrial Portuguesa de 1932



Para-Raios

PHILIPS

(para protecção de antenas)

Segundo a disposição legal, todos os semelhistas são obrigados a proteger a sua antena com um bom para-raios.

Por Esc. 60\$00

tal é o custo do para-raios

PHILIPS

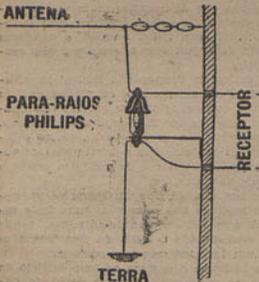
todos ficam ao abrigo da lei.

Absolutamente garantido
De todos o mais eficaz

A' venda em todos os nossos
revendedores

Soc. Com. Philips Portuguesa

Av da Liberdade 3-1.º Rua da Paz 32
LISBOA PORTO



RAPOSAS

Telef. 2 8157

Apesar dos grandes reclamos feitos nos Jornais, não ha casa que possa vender **Raposas e outras peles** mais barato que a **PELARIA CONFIANÇA**. Faça V Ex^a uma experiencia! Entre nesta casa que é na **Rua da Palma, 3**, e verá que não se arrepende

Predios

Contram-se para colocação de captaes. Rocio, 74, 1.º.

Almoços e jantares á carta. Preços de concorrência. Serviço primoroso. "Chic". - Restaurados 20.

Campião & C.ª

RUA DO AMPARO, 116

LISBOA

LOTARIAS SEMANAIS

TODOS OS SABADOS

400.000\$00

Bilhetes a	170000
Melos a	85000
Quartos a	42500
Decimos a	17000
Vigésimos a	8500

Pelo correio mais 1000 para despesa de porte, registo e lista

LOTARIA DE SANTO ANTONIO

A 9 de Junho

3.000.000\$00

Bilhetes a	800000
Vigésimos a	40000
Cantelas a 21000 e	11000

Pedidos aos Cambistas

CAMPIÃO & C.ª

LISBOA

REFRIGERANTES

MAQUINAS para fabrico de pirolitos, laranjadas, gazozas, Guaraná, vinho espumoso, etc. Fórmulas técnicas. Essencias para licores e refrigerantes. Entrega immediata. Pedidos a M. C. Esteves - Caminho Forno do Tijolo, 24 - Lisboa.

SORTES GRANDES

só a casa COSTA, LDA. as vende
75 - Rua de S. Paulo - 77

Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

Arturo Fernando de Moreno FALECEU

Evan Stachino cumpre o doloroso dever de participar as pessoas das suas relações e amizade o falecimento do seu querido filho Arturo Fernando de Moreno, e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 15 e 30, sahindo o prestito fúnebre da Igreja de S. José (Largo da Anunciada), para o cemiterio do Alto de S. João.

Sortes grandes?

só a casa COSTA, LDA. as vende
60 - Rua da Prata - 62

Café-Restaurante «Chic»

Almoços e jantares á carta.
Prato do dia abundante e variado. A s sextas feiras bacalhau á «Chic».

Para grandes males

O mau funcionamento do estomago e dos intestinos
pode dar lugar a grandes males
Com o uso do

SERVETINAL

podem estes evitar-se, pois regularisa esse funcionamento. E' uma acção propria dos

. Grandes remedios!

A' venda em todo o país

Preferir os produtos nacionais de bom fabrico, como a
Parinha lactea "Gisler"
 impõe-se como medida economica e dever patriótico.

ESTRANGEIRO

SORTES GRANDES ?
 Só a casa COSTA, LTO. as vende
 74 - Rua de S. Paulo 74

A impressão produzida pelo discurso que Hitler proferiu e a atmosfera que se criou á volta da questão do desarmamento

BERLIM, 18.—A imprensa diz que a sessão de ontem do Reichstag lembra as jornadas de agosto de 1914 em que o Parlamento aprovou por unanimidade os créditos de guerra. Ontem, porém, não se tratou de guerra, mas unicamente de assegurar a paz dizem os jornais, que afirmam que o discurso de Hitler constitua uma profissão de fé sincera e leal a favor da paz.

O *Vossische Zeitung* declara que chega agora a vez da Alemanha aguardar a resposta do mundo.

Para o *Deutsche Allgemeine Zeitung* as declarações do chanceler não são senão um *ultimatum* á Conferencia do Desarmamento e á S. D. N.

O *Kreuz Zeitung* escreve que quem não aceitar a oferta de paz feita por Hitler assume a responsabilidade de todas as catástrofes no futuro. O *Germania* frisa que a Alemanha nunca concordará com as actuaes fronteiras arbitrárias.

O *Berliner Boersen Zeitung* não se mostra convencido de que o discurso tão convincente do chanceler «leve os franceses á razão». O *Taegliche Rundschau* proclama: «A Alemanha nunca assinará uma convenção que perpetue a sua degradação. A responsabilidade da paz mundial encontra-se agora fóra das fronteiras alemãs.» (Havas).

O que diz a imprensa inglesa

LONDRES, 18.—O *Times* escreve que por detrás de Hitler demagogo e teatral, o mundo viu um Hitler homem de Estado.

O *Times*, como aliás a imprensa em geral, está disposto a aceitar o discurso de Hitler como conciliador, sério, criador de melhor atmosfera e ao mesmo tempo mostra-se inclinado a considerar a attitude que Naldony assumirá amanhã na Conferencia do Desarmamento como a pedra de toque

da política governamental alemã.—(Havas).

Uma revolução comunista?

BERLIM, 18.—Sabe-se que um dos argumentos invocados em Londres, pelo dr. Rosenberg, para modificar a opinião inglesa a respeito da Alemanha foi a afirmação de que, segundo as provas obtidas pela Policia, os comunistas preparavam uma revolução no Reich, que devia rebentar nos primeiros meses do ano corrente. Afirmou que o movimento nacional-socialista evitou que a Europa central se visse envolvida numa terrível sanguesria, pois a acção extremista estender-se-ia a outros países.

Rosenberg disse tambem a John Simon que a Alemanha prefere aplicar o seu dinheiro em dar pão e trabalho aos operarios a gastá-lo num armamento geral. Não pode, porém, esquecer os deveres que impõem a necessidade de defesa. Ou o desarmamento será geral ou o Reich insistirá pelo direito de dotar o seu exercito com algumas armas modernas.

Rosenberg não fez publicamente longo algum sobre a sua missão a Londres. Espera-se que o faça dentro de pouco tempo.—(Americana).

A impressão na Italia

ROMA, 18.—As primeiras impressões relativas ao discurso de Hitler são favoráveis. Considera-se aqui o seu tom moderado. Espera-se que as inquietações manifestadas pela Inglaterra se apaziguem em face daquele discurso.

A imprensa italiana já protestara violentamente, pelo facto de em Londres se ter chegado a falar em sanções. Corre o boato de que Grandi falara telefonicamente com o Duce, no sabado passado, para o pôr no facto das reacções que se poderiam dar na Inglaterra por causa da attitude da

Alemanha. Grandi teria pedido ao Duce para intervir amigavelmente junto de Hitler para que o seu discurso fosse tão sereno quanto possível.

Por outro lado, a renovação do tratado de não agressão entre a Alemanha e a U. R. S. S., que quasi passara despercebida, toma agora aos olhos da opinião italiana particular relevo. O *Lavoro Fascista* vê nesse acto uma prova de boa vontade de colaboração internacional do governo alemão.

O *Giornale*, de Genova, lembra os discursos pronunciados em Moscovo, por ocasião da parada militar, nos quais se afirmou que a U. R. S. S. não comprometerá, nem homens, nem qualquer forças, no Extremo Oriente, pois considera que os interesses vitais para ela se encontram na Europa. O mesmo jornal acrescenta: «Imediatamente, com uma rapidez imprevisível, renovou-se o pacto da amizade germano-russo.»—(Havas).

Nos Estados Unidos

WASHINGTON, 18.—O presidente da Comissão dos Estrangeiros do Senado e delegado á Conferencia de Londres declarou á Hava, que o discurso de Hitler deve considerar-se como sintoma favoravel e que a mensagem de Roosevelt contém, porém, sugestões mais adaptadas á presente situação. «Se as outras nações aceitarem—disse—os princípios expostos pelo presidente, Roosevelt, os receios que perturbam a vida do mundo apaziguar-se-ão em grande parte. Acrescentou ainda que se Hitler continuar a mostrar uma attitude conciliatoria, dentro de alguns meses poderá dar-se um passo decisivo no caminho da abolição dos armamentos ofensivos.»—(Havas).

Uma habilidade de Hitler

BERLIM, 18.—Acêrca do discurso que Hitler pronunciou ontem supõe-se geralmente que o objectivo do chan-

celer foi desviar a responsabilidade do malogro da Conferencia do Desarmamento para outras potencias. A sua enfática declaração de que a Alemanha está disposta a cooperar com as demais potencias em apoio do plano de desarmamento de MacDonald, levou a todo o país a convicção de que com um passo atrás se faria cair sobre outros países a responsabilidade do malogro da referida conferencia.—(United Press).

A Polonia desconfia...

VARSOVIA, 18.—Os jornais polacos assinalam com assombro o pacifismo de Hitler manifestado no discurso que ontem pronunciou, mostrando-se geralmente ceticos acêrca da sua sinceridade.

A gazeta *Polska* observa que existe uma diferença radical entre as opiniões de von Papen e von Neurath, de um lado, e as opiniões de Hitler de outro, perguntando finalmente a quem se deverá dar crédito.—(United Press).

Roosevelt prepara-se para proseguir na sua acção

WASHINGTON, 28.—Animado pelo acolhimento dispensado á sua mensagem em quasi todo o mundo Roosevelt prepara-se para proseguir imediatamente e energeticamente na sua acção, para conseguir que a Conferencia do Desarmamento chegue a um resultado definitivo. O presidente já começou a elaborar propostas práticas, que Norman Davis em ocasião oportuna apresentará em Genebra.—(Havas).

As propostas de desarmamento

WASHINGTON, 18.—A Casa Branca frizou que as propostas de desarmamento americanas não impõem nenhuma obrigação aos Estados Unidos. O governo americano só se consideraria preso aos seguintes pontos:

- 1.—Se todas as outras nações aceitarem eliminar as armas ofensivas, os Estados Unidos procederão identicamente.
- 2.—Se durante o período do desarmamento todas as outras nações se comprometerem a não invadir os territorios vizinhos, os Estados Unidos procederão da mesma forma;
- 3.—Em caso de violação de qualquer daqueles acordos, os Estados Unidos consultarão as outras nações, mesmo que não esteja assinado nenhum pacto consultivo formal.—(Havas).

WASHINGTON, 18.—O programa de trabalhos publicos de Roosevelt prevê especialmente construções navais e aereas, assim como a mecanização de formações militares. O presidente, no entanto, poderia suspender a execução desses trabalhos, no caso de se concluir um accordo internacional que limite ou reduza os armamentos.—(Havas).

Os ataques aereos

BERLIM, 18.—Parece que do plano de defesa contra os ataques aereos fará parte o ensino, em todas as escolas alemãs, dos meios de protecção contra o perigo do bombardeamento por aviões.—(Americana).

A moda em chapéus

Os mais chics modelos em palhas modernas em preto e côr encontram-se na casa **Cardoso**—134, Rua da Prata; 136.

DINHEIRO Mercantil
 Emprestamos á Pombal e Roupa de casa—Cortes—Fazendas Jora legal—Discreção ab oculos
 R. Panqueiros, 366, L. D.—Tel. 2.0848

4 Mulheres ha 3 que escolhem mal a côr do seu pó d'arroz



Especialistas provaram que ha côres de pele bem diferentes, necessitando uma côr diferente de pó de arroz. Empregando a côr que convem mais exactamente á pele, de 4 mulheres 3 poderiam facilmente aumentar de 100 0/0 a beleza da sua tez.

No pó de Tokalon a mistura íntima, por um processo registado de mousse de crème (espuma de creme) com o pó micelar mais leve, dá quatro tons coloridos que se harmonizam realmente bem com a côr natural da pele. O Pó Tokalon Rachel convem á maior parte das mulheres, incluindo algumas morenas. As mulheres com pele de loura acham que o *Naturelle* (Natural) dá um ottimo resultado. O *Blanche* (Branca), é, frequentemente, o tom que mais apreciam as que têm cabelo castanho e uma tez de lírio. O *Rose* convem a muitas louras assim como a algumas morenas de olhos

azues. Numerosas mulheres conseguem um magnífico e original colorido misturando as côres Rachel e Rose.

O Pó Tokalon é o unico pó que segura durante todo o dia, ou toda a noite, seja dentro de casa, seja ao ar livre, apesar do vento, da chuva e da transpiração.

A «mousse de crème», fá-lo aderir tão intimamente e percebe-se tão pouco que pessoa nenhuma poderia imaginar que a esplendida côr obtida não é o encanto proprio e natural de V. Ex.^a

Os pó compactos Tokalon contém actualmente «mousse de crème». O pó e o rouge são ambos muito aderentes. É coisa nova, diferente e melhor.

Venda nas perfumarias e farmacias Depósito Tokalon, secção D. L. R. d'Assunção, 88, 2.º—LISBOA, que atende na volta do correio.

THEATROS
 S. Carlos—A's 2 e 30—Rainha Fantasia.
 Politeama—A's 20 e 30 e ás 22 e 30—Cantiga nova.
 Avenida—A's 20 e 45 e ás 22 e 45—Fogo de vistas.
 Maria Victoria—A's 20 e 45 e ás 22 e 45—As Lavadeiras.
 Cine Gimnasio—A's 21 e 30—Animatografo e variedade.
CINEMAS
 São Luiz—A's 11 e 30.
 Cinema-Gimnasio—A's 21 e 30.
 Tivoli—A's 21 e 30.
 Odón—Matinées ás 15 Sôzra ás 21 e 15.
 Condés—A's 21 e 30.
 Capicillo—A's 21—Cinema sonoro.
 Estado—Teatros A's 21 e 30.
 Olympia—Sessões continuas ás 14 e 30 ás 24.
 Pavilhão Português—Cinema sonoro.
 Paris-Cinema (Sonoro)—R. Dom. M. S. Sequerra.
 Cine. Pombal—A's 21 e 30.
 Salão Ideal—A's 18.
 Royal—A's 21 e 30.
 Páramo—Rua Príncipe Sábio e Monte Amary.
 Promotora—Largo 20 de Abril ao Calvario.

Quereis dinheiro ?
 Joga! no
Gama
 RUA DO AMPARO, 51, LISBOA — Telefone 2.4000

VINHO DE COLAREI VIUVA GOMES
 O MELHOR DOS MELHORES
 É MAIS ACONSELHADO
 VENDE-SE EM TODA A PARTE

Odeon

O CALEVARIO CARINHOSO

com PAUL LUKAS

Tenor José Rosa
Pianista: Artur Santos

Edição das 5 horas

HOTEL MIRAMAR

MONTÉ ESTORIL

Hotel Costa. — CINTRA

POLÍTICA MEXICANA

Na véspera da escolha do candidato à presidência

MEXICO, 18.—O ex-presidente Portes Gil, actual procurador geral da Republica, retomou a actividade politica, dentro do Partido Nacional Revolucionario. O facto produziu grande impressão nas vistas daquele agrupamento politico, visto aquele homem publico ter muitos amigos, que se arremeterão á sua volta, facto de grande importancia na véspera da escolha do candidato á presidência da Republica. Diz-se que o general Cardenas terá em Portes Gil um perigoso competidor. Nos meios politicos, afirma-se que a convenção do citado partido que deve designar o candidato á primeira magistratura do pais vai ser transferida de agosto para o mês de fevereiro, a fim de dar tempo a que as diversas correntes se consolidem.

Os protegilistas recobrarão animo com a attitudé do seu chefe. Assim, já pediram que a organização nacional revolucionaria do Estado de Tamakipás, que é contrária ao governo local, seja reconhecida pelo directorio do Partido.—(Americana).

O conflito de Leticia será resolvido em breve

BUENOS AIRES, 18.—Informa-se que as conversações do dr. Afonso Lopes, chefe do Partido Liberal columbiano, e o general Benevides, presidente do Peru, terão um caracter particular. Os dois politicos são amigos intimos, e a ideia de negociações para se pôr termo ao conflito de Leticia nasceu do telegrama de felicitações do primeiro ao segundo, quando este tomou posse da presidência do seu pais, a seguir ao assassinio de Sanchez del Cerro. Entretanto, reina optimismo. Se o general Benevides, com a sua autoridade de chefe da nação peruana e o dr. Afonso Lopes, chefe do partido columbiano, que acaba de alcançar uma grande victoria eleitoral, chegarem a accordo, o governo da Columbia não deixará de sancionar os resultados alcançados. Tem-se como certo que não voltará a haver combates em Leticia.—(Americana).

A situação em Cuba é grave

NOVA YORK, 18.—Publicou-se uma estatística que mostra a gravissima situação económica cubana e que talvez explique, em grande parte, a agitação politico-social que reina n'aquele ilha. Em 1930, entraram em Cuba mercadorias Leste-americanas no valor de 405.794.000 dolares. No ano passado, as importações também dos Estados Unidos foram apenas de 24.653.000 dolares, a cifra mais baixa que se regista, desde o começo deste século. O commercio entre Cuba e os Estados Unidos é o mais fiel reflexo da situação económica do povo cubano.—(Americana).

HAVANA, 18.—Calcula-se em 30 o numero de victimas na sua maioria feridos, que houve nos arredores de Santo Espirito, provincia de Santa Clara, onde 300 rebeldes espalhados pelas montanhas estão a operar em pequenos grupos contra a politica do presidente Machado.—(United Press).

As eleições brasileiras

RIO DE JANEIRO, 18.—Continua o apuramento eleitoral. Notícias chegadas de S. Paulo rectificaram a primeira impressão. Parece que a proporção dos eleitos é de um governamental para quatro opositoristas.—(Americana).

A radiodifusão do desafio Benfica-Selenenses

A radiodifusão da reportagem do desafio de «foot-ball» de hoje, pelo posto C. T. 1 H. X. não se poderia fazer, apesar da boa vontade da Companhia dos Telefones, em virtude de não haver tempo material para montar a linha, que foi pedida apenas com 24 horas de antecedência.

Quer a sorte grande? Habilita-se na tabacaria MADRID Rua do Mundo, 115

CARTA DE MADRID

O sr. Alcalá Zamora discordou da attitudé do governo no caso das congregações religiosas

(Do nosso correspondente particular) MADRID, maio.—Os rumores de crise ministerial tornam-se cada vez mais insistentes. Toda a gente fala na queda do governo, mas poucos sabem a origem real dos boatos que a justificam.

Na quarta-feira da semana passada principiou a preparar-se a crise, numa conferencia celebrada no Palácio do Oriente entre os srs. Alcalá Zamora e Manuel Azana. Pela primeira vez o presidente da Republica manifestou a sua discordancia com o chefe do governo, a proposito da lei de Congregações religiosas. Não devemos esquecer que este mesmo assunto levou o sr. Alcalá Zamora a demittir-se da presidência do governo provisório e mais tarde a declarar-se partidario da revisita constitucional, no capitulo religioso.

Nessa conferencia D. Niceto manifestou ostensivamente o seu desgosto pela maneira como estava sendo discutido o aludido projecto.

Como recordarão os nossos leitores, o documento que está servindo de base á discussão, não é o apresentado pelo governo. É um texto que difere sensivelmente do governamental e revela uma tendencia mais radical. Perante as circunstancias politicas de momento, o governo resolveu requerer para ele a urgência. Ora uma lei votada com urgência tem de ser imediatamente promulgada e não é licito ao chefe de Estado oppôr-lhe o seu veto. Quando não actua o requisito de urgência, o presidente tem a faculdade de a devolver ás Cortés, fundamentando as razões por que o faz, dentro de quinze dias.

O sr. D. Niceto fez sentir duma maneira categorica ao chefe do governo que aprovar essa lei com o caracter de urgente, dados os seus antecedentes, era manifestar em relação a ele uma desconfiança.

O sr. Azana, que é um politico habil e transigente, concordou com essa opinião e prometeu transmiti-la ao conselho de ministros. Nesse mesmo dia os três ministros socialistas reuniram-se com o directorio do seu partido, acordando para essa lei o caracter de urgência. Não o disseram porém publicamente e daí a ceulema e as fantasias que a reunião provocou. Para cumulo «O Socialista» num artigo veemente dizia que cada um, por mais alto que estivesse, tinha neste momento historico de assumir as suas responsabilidades politicas. Até aqui o relato dos factos.

Agora um pouco de conjecturas. Se-

gundo os meios de opposição, o sr. presidente da Republica vê com desgosto a luta politica e entende que chegou o momento de se formar um governo de ampla concentração republicana, que acalme as paixões.

Ao mesmo tempo, considera que o pacto, celebrado num dos mais famosos restaurantes da capital, quando o convidaram para a mais alta magistratura da Nação, está sendo violado. Daí o ter o sr. Lerroux ratificado a sua primeira affirmação, de que não votaria a lei de Congregações, apenas por que o governo tentava tirar desse facto efeitos politicos.

A ser assim, a crise seria manifestamente provocada pela falta de confiança do presidente no seu governo.

O gabinete porém, e principalmente os socialistas não parecem dispostos a aceitar essa solução e manifestam o criterio de que sómente sairão perante uma indicação clara. Essa, estamos convencidos, não a fará o sr. Alcalá Zamora.

Por isso, a crise, a confirmarem-se os insistentes boatos que circulam, será declarada nas Cortés, no dia da votação do projecto a que aludimos. Convem, pois, saber a representação dos varios grupos parlamentarios.

O bloco governamental conta com 244 deputados, assim distribuidos:

- Socialistas, 110; Radicais socialistas, 45; Acção republicana, 31; Esquerda catalã, 34; Acção catalã, 4; Socialistas catalães, 2; Galegos, 12; Galeguistas, 3; Independentes, 3.

O bloco opositorista conta com 165 deputados, assim distribuidos:

- Radicais, 88; Conservadores, 12; Federais, 15; Esquerda radical-socialista, 6; Progressistas, 5; Serviço da Republica, 10; Independentes, 29.

Além destes, ha 16 Vascos; 22 Agricultores; 3 da Liga e 1 Comunista.

Todos estes elementos seguem a tactica abstencionista. Para que o governo possa legislar necessita de que metade e mais um dos eleitos se manifestem. Não importa que se pronunciem a favor ou contra; necessario é que votem.

Desta maneira as opposições abstendo-se obrigam o governo a preencher o «quorum», com os votos da maioria. Se num determinado momento o abandonam alguns dos seus partidarios, embora continue a dispor de maioria, não pode legislar. Então surgiria a crise nitidamente parlamentar, sem que o poder moderador fosse alvo de criticas e censuras.

O CONFLITO DO CHACO

A declaração de guerra não alterou a situação

BUENOS AIRES, 18.—A declaração de guerra do Paraguay á Bolivia não alterou a situação no Chaco, pois os combates continuam com as mesmas alternativas de victorias e derrotas. Internacionalmente, é que se deram importantes modificações. Depois da declaração de neutralidade, feita pela Argentina, pelo Chile e pelo Uruguay, os contendores, mas muito principalmente a Bolivia—o Paraguay continua a dispor da grande via fluvial do seu nome—terão dificuldades em receber armamento, o que se espera concorrerá para pôr termo ao conflito.

A Bolivia procura diminuir os efectos da situação criada. O governo afirma que o Paraguay, declarando a guerra num momento em que se inclivam novas gestões de paz, se colocou fora do pacto da S. D. N. e incorreu nas sanções estabelecidas pelo art.º 16.º daquele instrumento diplomatico.—(Americana).

Lei seca ou humida?

O Estado de Nova York vai pronunciar-se

NOVA YORK, 18.—E' já no proximo dia 23 que o Estado de Nova York votará para decidir se a lei prohibitionista deve ou não ser de todo abolida da Constituição politica dos Estados Unidos.

Considera-se como certo que a maioria da população se pronunciará pela abolição total da lei, o que representará um grande acontecimento, atendendo a que nos primeiros anos de prohibitionismo este Estado era «seco», quasi na totalidade. Esta votação constituirá um grande passo para a modificação da Constituição. Como se sabe, depois do Parlamento ter resolvido abolir a lei prohibitionista cada um dos Estados do Uniao tem de votar a abolição e se 36 dos 48 Estados da Confederação se pronunciarem favoravelmente, a revogação do prohibitionismo será imediatamente posta em vigor.

A votação será bastante complicada pois a população terá primeiramente de eleger 150 delegados, que por sua vez votarão entre si a modificação do estatuto constitucional. Consideram-se eleitos em bloco 150 «humidos» ou 150 «secos», logo que uma das facções obtenha maioria. A votação não se effectua segundo a rigida divisão dos partidos em Democraticos e Republicanos. Dentro dos proprios partidos formam-se dois campos: «humidos» e «secos». Os «humidos», com habil tactica, organizaram a sua lista com 75 democraticos e 75 republicanos. Entre os democraticos figuram os nomes de Alfred Smith e John Davis; entre os republicanos, Nicholas Murray Butler, James Wadsworth e W. Macy.

A cabeça da lista dos «secos» figuram a directora das Associações Cristãs Femininas contra o alcool, Ella Pool; John Haynes Holmes e outros partidarios da prohibição.—(United Press).

As expedições científicas ao interior do Brasil

RIO DE JANEIRO, 18.—O jornal official publicou o novo decreto sobre as expedições científicas ao interior do Brasil. Nenhuma viagem ao «shinterland» se poderá fazer sem a autorização do governo e sem que os exploradores sejam acompanhados de technicos brasileiros competentes, oficialmente designados. É prohibida a exportação de exemplares botânicos, zoológicos, mineralógicos e paleontológicos, a menos que sejam distribuidos, em partes iguais, pelos expedicionarios e pelo governo brasileiro. Também deverão ser entregues ás competentes repartições nacionais copias dos relatorios relativos ás expedições.—(Americana).

Hoje ODEON

F. RODRIGUES LTD.

Alfaiates e camiseiros Av. Republica, 19

O Diario de Lisboa publicará em 2.ª edição

o relato desenvolvido da final do Campeonato de Lisboa de «foot-ball», para o que montou uma linha telefonica directa do Estadio para o nosso jornal

ALHAMBRA Cabaret-Dancing-Restaurant -arque Mayor Aberto toda a noite Entrada livre

HOJE - A's 21 horas CINE e VARIEDADES HOJE - Estrela das formosas bailarinas inglesas «The Two Blonds»